

Em Roma Entre Pintores

1939
RUBEM BRAGA

NOTAS de um caderno, outubro de 1951 — Conheço por acaso, no velho Albergó d'Inghilterra, onde me hospedei, o famoso pintor mexicano Siqueiros. Ele me houve falar ao telefone com De Chirico, e diz que tem vontade de conhecê-lo.

Vamos de noitinha ao apartamento de De Chirico, na **Piazza di Spagna**.

Há outras visitas — uma pintora tcheca, uma jovem romana estudante de pintura que conversa com a russa mulher de De Chirico, a esposa de um compositor.

As paredes do vasto apartamento estão cheias de quadros; são naturezas-mortas, mulheres, cavalos de rabo grosso, tudo com uma pintura gorda, muito oleosa, muito 1700, que só por algumas distorções (nem sempre presentes) do desenho e por alguma pincelada mais ousada, escapa aos quadros acadêmicos. É impossível não preferir as antigas **muse**, as velhas **piazze de Italia**, os quadros chamados metafísicos, os homens mecânicos, os velhos cavalinhos saltando entre ruínas, feitos há vinte anos ou mais.

Mas nenhum de nós dirá isso a De Chirico; vemos gravemente seus quadros, alguns, de resto, bastante interessantes, e apenas procuramos ficar de costas para um dos maiores deles — mulheres numa praia entre pedras — de fatura diferente dos outros e assombrosamente ruim: parece coisa de um principiante, que pela primeira vez expõe na seção acadêmica do Museu de Belas Artes do Rio; é intolerável.

De Chirico fala mal dos **marchands de tableaux** que queriam obrigá-lo a fazer os mesmos quadros eternamente. Como não os faz, alguém fez por ele. O pintor ganhou um processo (com indenização) que moveu contra a Mostra de Veneza, onde foi exposto um falso quadro seu; apreendeu um quadro que Katherine Dunham, a bailarina negra, comprou em Paris e mandou para ele assinar; também não era seu.

Depois que Siqueiros sai, ainda fico uns vinte minutos: De Chirico dá conselhos, que me parecem salutares, à estudante de pintura. Não, não tem tempo para dar aulas. Que a môça faça retratos e sobretudo nus; quanto mais nus tentar fazer, melhor, e faça nus completos, com pés e mãos bem desenhados e pintados. E principalmente copie quadros. Não vale a pena copiar nos museus, que são desconfortáveis.

Compre uma reprodução de Rafael, ou Rubens, ou quem quer que seja, leve para casa e procure fazer a cópia melhor possível. É um exercício ainda melhor do que pintar do natural: neste caso, o aluno pode esconder para si mesmo uma incapacidade técnica de obter determinado efeito, alegando que sua «interpretação» da natureza é assim. «Depois de um ano ou mais dêsse exercício, copiando quadros de pintores os mais diversos, e quando sentir que já é uma artesã razoável, então — diz o pintor — você pinte o que quiser e como quiser, faça abstracionismo ou que lhe der na telha. Antes, não».

Não há grande novidade nesses conselhos, mas acredito que eles aproveitariam a muita gente. De Chirico não me esconde sua surpresa, pelo fato de Siqueiros ter querido conhecê-lo. Suas relações com os pintores modernos são azedas, devido, em parte, a declarações que fez contra toda a pintura do impressionismo para cá, e, em parte, também (creio eu), à influência de sua mulher, que o exalta e o irrita contra os colegas.

O fato, é que está encantado com Siqueiros, que foi muito amável: «**uno gentiluomo, uno vero gentiluomo questo messicano**».

M 694

CM 9.11.51

334

N 16.8.62